



ENTREVISTA PARA REVISTA DE PEDAGOGIA SOCIAL

PIPAS EM COIMBRA

1- Por favor, apresente-se.



Meu nome é Elenice Clemente, sou Assistente Social e Educadora Social, especialista em Políticas Sociais, com 20 anos de atuação em diferentes políticas públicas, especialmente nas áreas de assistência social, direitos humanos, educação e sistema de justiça. Como educadora social, atuo na mediação de grupos e no desenvolvimento de oficinas socioeducativas, especialmente na Oficina Projeto de Vida, um espaço de reflexão, diálogo e fortalecimento pessoal voltado para adolescentes. A proposta da oficina é estimular os participantes a reconhecerem suas potencialidades, elaborarem sonhos possíveis, ampliarem perspectivas e desenvolverem autonomia para construção de seus caminhos pessoais, sociais e profissionais. Minha prática profissional é fundamentada na Pedagogia Social, no compromisso ético com a dignidade humana e na defesa de uma educação que acolha, emancipe e produza pertencimento. Acredito que educar socialmente é construir possibilidades concretas de esperança, consciência crítica e transformação coletiva.



2- Qual é a sua questão guia de pesquisa?

Minha questão guia de pesquisa nasce das inquietações produzidas pela prática profissional junto a adolescentes e jovens em contextos de vulnerabilidade social. Tenho buscado compreender como as metodologias socioeducativas, fundamentadas na Pedagogia Social e nos Direitos Humanos, podem contribuir para a construção de projetos de vida, fortalecimento da identidade, ampliação de horizontes e proteção social desses sujeitos.



3- Como encontrou o Projeto PIPAS-UFF?

Através de uma amiga que sabia do meu interesse em participar de curso na área da Pedagogia.



4- Por que ficou?

Fiquei porque encontrei acolhimento, troca genuína de saberes e um ambiente comprometido com a construção coletiva do conhecimento. O PIPAS-UFF ultrapassa a dimensão acadêmica tradicional; é também um espaço de humanidade, reflexão crítica e fortalecimento de trajetórias. Permanecer no projeto significou sentir que minha experiência profissional, minhas perguntas e minhas vivências também tinham lugar e sentido naquele coletivo.

5- Como foi Participar do CIDH?

Participar do CIDH foi uma experiência profundamente significativa e transformadora. Estar em um espaço de diálogo internacional, compartilhando reflexões sobre direitos humanos, educação e justiça social, ampliou ainda mais meu olhar sobre os desafios contemporâneos e sobre a potência das práticas sociais comprometidas com a dignidade humana. Foi também um momento de reconhecimento, aprendizado e fortalecimento pessoal e profissional.

6- Deixe uma mensagem para os nossos leitores.

Acredito profundamente na potência dos encontros humanos, da educação social e da construção coletiva de caminhos mais justos. Em tempos marcados por tantas desigualdades e fragilidades sociais, continuar pesquisando, escutando, acolhendo e produzindo esperança também é uma forma de resistência. Que nunca nos falte sensibilidade para reconhecer a humanidade do outro e coragem para transformar realidades através do conhecimento, do cuidado e da ação social.

Obrigada!